

RELATO DOS MATEIROS DO PARQUE NATURAL MUNICIPAL JOSÉ MULATO/AREZ-RN,BRASIL.

Vanessa Pulcheria Pinheiro da Costa ¹
João Henrique do Nascimento Neto ²
Jorge Luiz Câmara Torres ³
Maurício Borges do Nascimento ⁴
Malcon do Prado Costa ⁵

INTRODUÇÃO

A etnobotânica é o instrumento (ciência) que ressalta a importância de aliar os conhecimentos nativos aos conhecimentos eruditos e auxilia outras ciências na compreensão das interações existentes que resultam nos efeitos positivos e negativos para o ecossistema, sejam eles de origem antrópica ou não.

O conhecimento empírico sobre os ecossistemas florestais pode ser expressado na população que convive em área florestal. Essa compreensão sobre as espécies florestais são passadas de geração em geração, independente de parentesco, com o propósito de não deixar morrer o conhecimento, junto com a cultura local, onde na maioria das vezes o nome popular tem relação com o uso e morfologia de cada espécie (ANSELMO, 2012). Nos estudos realizados com comunidades locais, constatou-se que seus conhecimentos estão voltados para as práticas com a terra e mesmo não tendo o conhecimento científico, entendem para que serve e como pode ser manejado (SILVA et al., 2011).

O disseminador de saberes da Mata do Sapé foi o José Mulato, primeiro vigia da mata e que intitula a Unidade de Conservação: Parque Natural Municipal José Mulato. Ele andava pela mata, transmitindo o que sabia aos que se interessavam, tinha muito zelo pelas espécies e impunha respeito aos que tentavam de modo ilegal, degradar a Mata do Sapé.

Cada grupo de indivíduos pode expressar uma prática cultural diferente, de acordo com a área em que vivem, de modo a contribuir para a heterogeneidade da natureza. Vale destacar que valor biocultural não é intrínseco de área rural, distante, tradicional ou indígenas (COCKS e WIERSUM, 2014), a memória ou valor biocultural é algo proveniente da raça humana.

Dada a importância de estudos etnobotânicos e a inexistência de estudos etnobotânicos associados as espécies florestais na Mata Atlântica, onde Liporacci e et al. (2017) verificaram que a maioria de estudos etnobotânicos estão associados a plantas medicinais e alimentícias, sendo verificado apenas um para o Rio Grande do Norte e mesmo para os estudos quem contemplem apenas as plantas medicinais e alimentícias, poucos estudos são feitos com Mata

1 Mestranda do Curso de Ciências Florestais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, van_pulcheria@hotmail.com;

2 Mestrando do Curso de Ciências Florestais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, joao_1601@hotmail.com;

3 Graduando pelo Curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, jortorres1@hotmail.com

4 Graduando pelo Curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, mauricio_bn@hotmail.com;

5 Professor orientador: Doutor, Universidade Federal do Rio Grande do Norte -UFRN, malconfloresta@gmail.com

Atlântica em comunidades do interior. Este estudo contribui para diminuir essa lacuna existente e associa o conhecimento de moradores locais às espécies florestais da Mata Atlântica.

Com o intuito de valorar o conhecimento local da População da Mata do Sapé/ Arez-RN e difundir para a comunidade científica, quem foi José Mulato para os habitantes deste local, o objetivo desse trabalho é ressaltar José Mulato, através dos relatos dos mateiros que aprenderam com ele sobre as espécies florestais contidas na Mata do Sapé.

METODOLOGIA

Área de estudo

O estudo foi desenvolvido no município de Arêz (latitude: -6.19496, Longitude: -35.1602 6° 11' 42" Sul, 35° 9' 37" Oeste) localizado no leste potiguar abrange uma área de 115,50 km² de extensão, o clima está classificado como tropical com estação seca (Köppen-Geiger) e tem cerca de quatorze mil habitantes (SOS MATA ATLÂNTICA, 2017). Segundo dados do SOS Mata Atlântica (2017) tem 1.387,16 ha. de área de mata no município.

O Parque Natural Municipal José Mulato também chamado de mata do Sapé (latitude: 6°10'22.45"S, longitude: 35°10'39.38"W), situado na comunidade Sapé do município de Arêz-RN, tem 82,5 ha. está regulamentado pelo decreto de criação N° 541/2017 tendo como foco principal a preservação da Mata Atlântica, turismo ecológico e ações de educação ambiental (ASCON-IDEMA 2018). Logo, sendo categorizado como unidade de conservação integral.

Coleta de Dados

A coleta de informações deu-se através de conversa informal e entrevista semiestruturadas com os dois mateiros (os quais foram denominados mateiro 1 e mateiro 2, a fim de preservar a identidade) da região que mais estiveram presentes na mata com José Mulato, contendo duas perguntas: 1- Como você adquiriu o conhecimento sobre as espécies florestais? 2- Quem foi José Mulato? A transcrição manteve-se original como a fala e conduzir a coleta de informações a partir de conversa informal, permitiu que os mateiros ficassem mais a vontade para falar sobre José Mulato

Para estimar o conhecimento transmitido aos mateiros, foram realizadas turnês guiadas (ALBUQUERQUE *et al.* 2010) perguntando durante todo o caminho sobre as espécies e seus usos. Para o reconhecimento das espécies e identificação das famílias realizada utilizou-se o Angiosperm Phylogeny Group (APG IV, 2016). As etapas ocorreram no mês de abril de 2019.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Relato dos Mateiros

O mateiro 1 relata que José Mulato foi o primeiro vigia da Mata do Sapé, vinha de bicicleta da cidade para a mata e que não permitia a retirada de nada sem ordem do prefeito. Era calado e não se ouvia a voz dele na mata e quando menos se esperava, ele aparecia ao seu lado. O conhecimento sobre a Mata do Sapé iniciou-se aos oito anos de idade, andando na mata com o José Mulato e “foi ele que ensinou por onde andar e por onde não andar!” Explica que o cuidado que ele tem com a mata, deve-se ao legado deixado por José Mulato:

“É porque é muito prazer que eu tenho no meu coração, o gosto que eu tenho...o amor que eu tenho como ele deixou (referindo-se a José Mulato), que ele me explicou e deixou tudo indicado como... pra eu

fazer, pro outro fazer, é por isso que a gente faz porque tá fazendo o gosto dele que ele deixou para nós, é por isso que a gente ama essa mata, ama isso aqui tudinho, mode ele! Se não fosse ele, isso aqui... nós não podia fazer nada nessa mata, nós deixava pro povo fazer o que quer.” (mateiro 1)

“José Mulato aqui nesse sapé foi uma pessoa boa! Ele ajudou muito as pessoas, quando as pessoas precisavam... E tem outra coisa... e na mata, ele era uma pessoa que botava moral nas coisas viu! Se as pessoas tivessem fazendo coisa de errado, ele reclamava. Então se ele não pudesse resolver, ele ia lá na prefeitura e conversava com as pessoas e... tudo dava certo. Ai depois desses tempos que ele passou mais eu, ele foi adoecendo, afracando ai ele parou de trabalhar, aposentou-se e com pouco tempo ele morreu”. (mateiro 2)

Sobre a aquisição dos conhecimentos florestais, o mateiro 2 menciona que aprendeu com José Mulato no tempo que trabalhou com ele. *“Sempre ele mostrava... ele dizia: Esse aqui é pau fulano de tal, esse é pau cicrano... e ai nós andava pelas trilhas e ele... que no tempo não tinha trilha, era nas varedas andando e ele saia mostrando”*. O mateiro relata que tem 27 anos de mata e que as espécies favoritas de José Mulato eram o pau-brasil e o cocão.

Turnê Guiada

No exercício de sua profissão como vigia do Sapé, José Mulato transmitia sua sapiência sobre as espécies florestais. Deste modo, a turnê guiada representou a maneira como os mateiros conheceram e se capacitaram sobre as espécies. Para a Mata do Sapé o mateiro 1 citou 19 nomes vernaculares, já o mateiro 2 citou 42, resultando em 45 nomes vernaculares. Em contraste aos dados obtidos nesse estudo, Ferraz e et. al (2006) com metodologia semelhante (*snow ball*) em mata ciliar, entrevistando 16 informantes-chave em cinco turnês guiadas, identificaram 34 espécies.

Os nomes vernaculares citados foram: anelím, amescla, barba-tenom, cipó-timbé, cipó-bugio, cipó-de-fogo, cipó-de-chão, cumixá, cupiúba, cuipuna, caboatã, cambuí, cavaçu, cabocu, cavaçu-de-rama, catanduva, couro-de-sapo, cocão, cega-machado, gala-macho, goiti, imbiriba-preta, imbiriba-branca, João-mole, jitaí, mangabeira, mondé-preto, mondé-branco, muricí-coró, mium, mororó, murta, murici-manso, orelha-de-burro, pau-d’alho, pau-ferro, quiri, quina-quina, sete-cascas, sucupira, sapucaia, sabacuim, taboca, ubaia. Destas, 17 espécies não foram classificadas taxonomicamente, as espécies identificadas (28) pertenciam a 11 famílias botânicas.

As famílias mais representativas foram Fabaceae Lindl. (4) seguida de Myrtaceae Juss (três) e Sapindaceae Juss. (três). As demais famílias apresentaram apenas uma ou duas espécies: Anacardiaceae R.Br. (uma), Araliaceae Juss. (uma), Burseraceae Kunth (uma), Celastraceae R.Br.(uma), Chrysobalanaceae R.Br.(duas), Combretaceae R.Br. (duas), Humiriaceae A. Juss. (uma), Lecythidaceae A.Rich. (duas), Malpighiaceae Juss (uma), Moraceae Gaudich. (uma), Nyctaginaceae Juss. (uma), Peraceae (Baill.) Klotzsch & Garcke (uma), Polygonaceae A. Juss. (duas) e Urticaceae Juss. (uma).

Além dos nomes vernaculares os mateiros citaram os usos das espécies. Os usos foram categorizados como serraria (madeira de boa qualidade para a marcenaria), energia (madeira para lenha e carvão), construção (madeira para linha, caibro, ripa e estaca), medicinal (chá feito

através de folha e casca; látex cicatrizante), alimentação (frutos), matéria-prima (madeira para fabricação de utensílios) e usos não classificados (abrange uso que não se encaixam nas categorias anteriores: raspa de madeira para tingir roupa, para fazer perfume e resina para fazer incenso).

Por falta de alternativas para a geração de renda a maioria dos usos tinham essa finalidade. As categorias são a construção, matéria-prima e energia sendo as madeiras retiradas, destinadas a venda em materiais de construção, serrarias e padarias. As padarias por exemplo recebem a madeira retirada ainda verde para serem utilizadas como lenha e a madeira é armazenadas para uso posterior. Construção como sendo a categoria mais representativa durante a citação de mateiros, aparece em outros trabalhos, mesmo naqueles voltados para a espécies medicinais (BORGES; PEIXOTO, 2009).

Liporacci e et al. (2017) alertam para a importância de estudos etnobotânicos em áreas de interior, ou seja, áreas não urbanas tendo em vista que estudos com Mata Atlântica estão concentrados nas áreas urbanas em especial para as regiões sul e sudeste, sobressaltando a necessidade de estudos nas outras regiões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante ao que foi exposto José Mulato não foi apenas um disseminador de saberes sobre as espécies florestais, mas um defensor da Mata do Sapé e vigiou a área por muitos anos e impediu por vezes, que a mata fosse devastada como apresentado no relato dos mateiros. Sua importância foi reconhecida e hoje seu nome está atribuído a Unidade de Conservação Integral do município de Arez.

Mesmo com o legado deixado por José Mulato, é importante que os mateiros prossigam repassando o aprendizado as demais gerações, pois a tendência é que com as tecnologias avançando cada vez mais, as gerações reduzam o interesse pela cultura local.

Vale ressaltar que esses mateiros auxiliam em aulas de educação ambiental, bem como em pesquisas científicas, contato enriquecedor para ambas as partes.

Palavras-chave: Conhecimento ecológico local; Unidade de Conservação; Saberes locais.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de; LUCENA, Reinaldo Farias de Paiva; ALENCAR, Néilson Leal. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de; LUCENA, Reinaldo Farias de Paiva; CUNHA, Luiz Vital Fernandes Cruz da. **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. Recife: Nupeea, 2010. Cap. 2. p. 41-64.

ANSELMO, A. F.; SILVA, C. G.; MARINHO, M. G. V.; ZANELLA, F. C. V.; XAVIER, D. A. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais comercializadas por raizeiros em uma feira livre no município de Patos – PB. Revista Biofar, v. especial, p. 39-48, 2012.

APG, The Angiosperm Phylogeny Group. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. **Botanical Journal Of**

The Linnean Society, v. 181, n. 1, p.1-20, 24 mar. 2016. Oxford University Press (OUP) .
<http://dx.doi.org/10.1111/boj.12385>.

ÁREA DE MATA POR MUNICÍPIO – Aqui tem mata? Arez -RN, 2016. Disponível em:
<<http://aquitemmata.org.br/#/busca/rn/Rio%20Grande%20do%20Norte/Natal>> Acesso
em:19/12/2018. As 17:23.

ASCON-IDEMA. Idema participa de inauguração do Parque Natural Municipal José Mulato
2018. Disponível em:
<<http://www.idema.rn.gov.br/Conteudo.asp?TRAN=ITEM&TARG=176358&ACT=&PAGE=&PARM=&LBL=NOT%20CDCIA>>. Acesso em: 10 dez.de 2018.

ATLAS DA MATA ATLÂNTICA - DADOS MAIS RECENTES: Desmatamento da Mata
Atlântica é o menor registrado desde 1985. SOS Mata Atlântica – São Paulo-SP 25 mai. 2018,
disponível em: <<https://www.sosma.org.br/projeto/atlas-da-mata-atlantica/dados-mais-recentes/>> acesso: 11/01/2019. As 12:34

BORGES, R.; PEIXOTO, A. L. Conhecimento e uso de plantas em uma comunidade caiçara
do litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, [s.l.], v. 23, n. 3,
p.769-779, set. 2009. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-33062009000300017>.

COCKS, M. L.; WIERSUM, F. Reappraising the Concept of Biocultural Diversity: a
Perspective from South Africa. **Human Ecology**,v. 42, n. 5, p.727-737, 12 jul. 2014.

FERRAZ JSF, ALBUQUERQUE UP, MEUNIER IMJ. 2006. Valor de uso e estrutura da
vegetação lenhosa às margens do riacho do Navio, Floresta, PE, Brasil. **Acta Botanica
Brasilica**, v. 20, n. 1, p.125-134, mar. FapUNIFESP (SciELO).
<http://dx.doi.org/10.1590/s0102-33062006000100012>.

SILVA, R. R. V.; et.al. Entre a etnoecologia e a silvicultura: o papel de informantes locais e
cientistas na pesquisa floresta. **Interciencia**, Caracas, Venezuela, v. 36, n. 7, p.1-8, 03 jun.
2011. Disponível em: <<http://www.interciencia.org/homep.htm>>.